

## LINGÜÍSTICA APLICADA: CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PRÓPRIA

*Gláucia Regina Santos Cunha* (UNIGRANRIO)

[glauciasilvasantos44@gmail.com](mailto:glauciasilvasantos44@gmail.com)

*Patrícia Luisa Nogueira Rangel* (UNIGRANRIO)

[patricia1234luisa@gmail.com](mailto:patricia1234luisa@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo visa a apresentar aspectos relevantes da Linguística Aplicada (LA), no que diz respeito ao contexto histórico, levando em consideração que se trata de uma ciência jovem, por não possuir nem um século de existência. Surgiu da necessidade de criar uma metodologia de ensino de língua estrangeira, principalmente o inglês, mas tomou uma proporção tão grande, a ponto de ser responsável por uma série de campos de investigação interdisciplinar e novas formas de pesquisa quanto ao uso da linguagem, seu objeto de estudo, tomando para si uma identidade própria. Com o seu desenvolvimento, criam-se escolas, associações e publicações, incentivando e disseminando a LA pelo mundo. No Brasil, a LA começa na década de 1970, marcada por cursos e investimentos na área e aborda vários outros contextos fora de sala de aula. A LA é, por muitos, entendida como aplicação das teorias linguísticas, no entanto, tem-se consolidado como ciência autônoma com metodologia e técnicas próprias.

### Palavras-chave:

Ciência. Interdisciplinar. Linguística. Linguística Aplicada.

### 1. Introdução

A Linguística Aplicada (LA) é uma área de pesquisa recente. Foi entendida como uma aplicação da teoria linguística à prática de ensino de línguas, em especial, o inglês, no entanto, com o tempo, esta disciplina passou a contemplar outras questões referentes ao uso da linguagem. A partir daí, houve a necessidade da LA contar com outras ciências sociais para contribuir com conceitos e modelos, como Psicologia, Sociologia, Antropologia, Pedagogia, etc.

Este presente artigo objetiva considerar a trajetória da LA até se firmar como ciência independente, com identidade peculiar e provocar uma reflexão acerca da sua aplicabilidade. Para tanto, ele foi dividido em três seções, com respectivos temas: Linguística Aplicada: contexto histórico; Linguística Aplicada no Brasil; e Linguística aplicada: Aplicação da teoria linguística?

A primeira seção, *Linguística Aplicada: contexto histórico*, traçará uma breve história da LA, desde seu surgimento até sua consolidação como ciência no mundo. Já a segunda, abordará a evolução da LA no Brasil. E a terceira e última seção discutirá sobre a LA ser ou não aplicação da teoria Linguística.

Para realização deste trabalho, conta-se com apoio bibliográfico de Moita Lopes (1986; 2008; 2009); Menezes, Silva & Gomes (2009) em todas as seções. Para elaboração do contexto histórico da LA foram utilizados os trabalhos de Almeida Filho (s/d), Costa (2011), Cavalcanti (1986) e Schmitz (1987). Costa (2011) também colaborou, juntamente com Bastos & Mattos (1993), para traçar a evolução da LA no Brasil. E por fim, na terceira seção, além do suporte de Cavalcanti (1986) e Bastos & Mattos (2009), acrescenta-se a participação de Costa & Geraldini (2007).

## ***2. Linguística Aplicada: contexto histórico***

A Linguística Aplicada (LA) é uma área de investigação praticamente recente, porque não possui nem um século. Costa (2011) informa que ela surgiu da união de alguns pesquisadores da Linguística Descritiva e da Linguística Contrastiva na solução de problemas do uso da linguagem, dentro de um contexto sociopolítico da década 40, período da II Guerra Mundial. Na América do Norte, nesse período, os soldados tinham necessidade de conhecer outros idiomas para manter contatos com os aliados e inimigos.

O ensino de línguas saiu do âmbito “ensinar a ler” e passou a apresentar outras perspectivas, como metodologia de ensino para melhor aquisição da língua estrangeira, levando em consideração a real aprendizagem e não só o ensino.

Dada a demanda no ensino de línguas, foram criados vários programas de treinamento, re-treinamento e pós-graduação de especialistas que se preocupavam não apenas com o ensino, mas também com a aprendizagem de línguas. Consequentemente, o ensino/aprendizagem de línguas, principalmente língua estrangeira, torna-se a área da LA que mais atenção recebeu até o momento. Essa atenção, que se traduz mais nas técnicas usadas em sala de aula (do que na reflexão sobre abordagens de ensino de línguas), distorce o foco de ação da LA. (CAVALCANTI, 1986, p. 8)

Menezes, Silva & Gomes (2009) e Moita Lopes (2009) comentam que a LA surgiu a partir dos estudos do ensino de língua estrangeira, principalmente, o inglês. No entanto, hoje tomou uma amplitude a ponto de

atuar como área responsável por uma série de campos de investigação interdisciplinar e novas formas de pesquisa.

Informa Menezes, Silva & Gomes (2009) que o objeto de investigação da LA é a linguagem, que deve ser vista como prática social dentro de um contexto. A partir daí, surgiram questões sobre o uso dela, independentemente das escolhas teóricas e metodológicas.

Ao compreender a linguagem como constitutiva da vida institucional, a LA passa a ser formulada como área centrada na resolução de problemas da prática de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula. (LOPES, 2009, p. 18)

Conforme o autor, embora métodos e técnicas de ensino ainda seja o tema mais estudado, outras questões surgiram, como contexto de ensino/aprendizagem da língua materna, letramento, disciplinas do currículo e outros contextos institucionais – mídia, empresas, delegacia, clínica médica etc. Há enormes situações de uso da linguagem e, de acordo com Almeida filho (s/d), ao linguísta aplicado concede o tratamento sistemático, objetivo e explícito.

Há três visões dentro da LA, de acordo com Menezes, Silva & Gomes (2009), como ensino e aprendizagem, aplicação de linguística e estudos de linguagem como prática social. O ensino e aprendizagem estão relacionados às estratégias de aquisição de língua estrangeira; a aplicação de linguística cuidará das investigações sobre princípios e parâmetros da gramática gerativa na interlíngua de aprendizes de língua estrangeira; e as investigações sobre a linguagem como prática social estão relacionadas aos estudos sobre identidade.

Em 1940, Charles C. Fries e Robert Lado, linguistas estruturalistas, especialistas na estrutura de línguas, principalmente as dos índios norte-americanos, criaram o termo Linguística Aplicada. Tais pesquisas contribuíram para a composição da LA, mas, naquele tempo, buscava-se aplicação prática para as teorias da Linguística. Como cientistas aplicados, cuja preocupação com a fundamentação linguística era com valor prático, objetivavam solucionar problemas em sala de aula, segundo Costa (2011).

Em 1946, surgiu o primeiro curso de LA na Universidade de Michigan, onde lecionavam os linguistas Charles Fries e Robert Lado. Costa (2011) informa que, em 1948, Fries lançou o periódico “Language Learning: A Quarterly Journal of Applied Linguistics” com objetivo de difundir informações sobre o trabalho do Instituto de Língua Inglesa.

A LA institucionalizou-se com a fundação da Escola de Linguística Aplicada da Universidade de Edinburgh na Escócia, em 1956, e a criação do Centro de Linguística Aplicada nos Estados Unidos, em 1957.

Menezes, Silva & Gomes (2009) declaram que o objetivo dos estudos do Centro de Linguística Aplicada era o letramento; e o objetivo central da Linguística Aplicada de Edinburgh era trabalhar com o conhecimento sobre a linguagem e sua relação com a vida real – funcionamento e uso, e, para tal fim, examinava o uso da linguagem nas diferentes situações sociais, como conversa do dia a dia, na educação, contextos profissionais.

Institutos semelhantes foram criados em várias partes do mundo, visando à coleta e à análise de dados sobre o papel e o uso do inglês e de outras línguas, e resultando na criação de programas e materiais para o ensino de idiomas, bem como o treinamento de professores para a sua utilização. (COSTA, 2011, p. 20)

Na segunda metade do século XX, a LA cresceu, tanto no exterior como no Brasil, com a criação de linhas de pesquisa, programas de pós-graduação ou área de concentração em LA.

De acordo com Costa (2011), em 1964, na França (em Nancy) foi fundada a “AssociationInternationel de LinguistiqueAppliquée”(AILA – Associação Internacional de Linguística Aplicada), representando um fato importante na história da LA, firmando-a como ciência e possibilitando discussões sobre a área.

Atualmente, a AILA consta com mais de 8.000 filiados em todo mundo e abriga mais de 25 comissões científicas. De três em três anos acontece o Congresso Internacional da AILA em localidades diferentes, que consegue reunir por volta de 2.000 pesquisadores e profissionais de áreas variadas, abordando temas como o uso da linguagem e a prática social. É considerado o maior evento em LA.

Nos anos 80 do século XX, surgiu a revista *AppliedLinguistics*, que atualmente apresenta sete volumes, e, de acordo com Schmitz (1987), é patrocinada pela Associação Americana de Linguística Aplicada e a Associação Britânica de Linguística Aplicada, contando com a ajuda da AILA. As resenhas aceitas nesta revista são de temas bem variados, mostrando, assim, a característica de interdisciplinaridade presente na LA. Nesse mesmo período, outra obra colaborou para o desenvolvimento da LA, a *AnnualReviewofAppliedLinguistics*, que divulgava pesquisas e livros publicados no mundo.

A evolução da LA contou com apoio de associações e de publicações que colaboraram para a divulgação e consolidação como ciência pelo mundo. O Brasil, também, abraçou e desenvolveu estudos dentro dessa área, de forma que consideraremos, na próxima seção, o progresso da LA no Brasil.

### **3. *Linguística Aplicada no Brasil***

Em 1965, aconteceu o 1º Seminário Brasileiro de Linguística, no Rio de Janeiro promovido pelo Instituto de Idiomas Yázigi, em que o Ministério da Educação e Cultura, dentre outras instituições patrocinaram. No mesmo ano, em dezembro, aconteceu em “Montevidéu o I Instituto Linguístico Latino-americano, sob a orientação *Programa Internacional de Linguística y Enseñanza de Idiomas (PILEI)*, da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) e da Universidad de La República.” (COSTA, 2011, p. 29). Nessa ambiência, houve encontro de diversos brasileiros interessados em LA e contribuiu para o desenvolvimento da Linguística Geral e Aplicada no Brasil.

Alguns marcos da expansão da LA no Brasil são citados por Menezes, Silva & Gomes (2009). O primeiro marco foi em 1970 com a criação do programa de LA ao Ensino de Línguas da PUC – SP, que em seguida instaurou o Programa de Pós-Graduação em LA e Estudos de Linguagem (LAEL) com a criação do doutorado (1980). O programa LAEL lançou a revista D.E.L.T.A (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicados) com maior foco em Linguística.

Costa (2011) informa que o programa de pós-graduação foi credenciado pelo Conselho Federal de Educação e pelo Conselho Nacional de Pesquisas como “Centro de Excelência”, e a coordenadora foi Dra. Maria Antonieta Alba Celani, considerada uma pessoa mais atuante em LA.

O segundo marco foi a criação do Programa de Pós-Graduação em LA na Universidade Estadual de Campinas e seus periódicos “Trabalhos em Linguística Aplicada” com lançamento em 1983. Estes marcos, o primeiro e segundo, foram responsáveis pela formação de linguistas aplicados e disseminar outros programas na área de LA ou em Letras ou Linguística com essa vertente. Por fim, o terceiro marco foi a criação da Associação de Linguística Aplicada no Brasil (ALAB) em 1990.

De acordo com Costa (2011), a professora Marilda do Couto Cavalcanti foi a primeira presidente da ALAB, eleita em 1991, que se torna

entidade filiada da AILA e, em 1992, fica responsável por promover o Congresso Nacional de Linguística Aplicada, a cada três anos. Em 2001, a ALAB criou a Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA) com o objetivo de incentivar pesquisa na área de LA.

No entanto, as primeiras menções sobre a LA surgiram em 1966 através do lançamento de “Estudos Linguísticos – Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada” sob a responsabilidade de Mattoso Câmara Jr., Aryon Dall’Igna Rodrigues e Francisco Gomes de Matos, de acordo com Bastos & Mattos (1993). As publicações tiveram um aumento considerável, a partir de 1975, com o Congresso Brasileiro de Linguística aplicada.

Em 2004, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) realizou a primeira contratação de linguistas aplicados para atuarem em turmas de graduação, uma vez que o avanço da LA se dava na Pós-Graduação. Em 2007, a Universidade institucionaliza a LA por criar duas novas áreas – Ensino de Línguas Estrangeiras e Tradução. Contudo, continuam conectadas às questões de ensino e aprendizagem.

Atualmente, pode-se dizer que a LA é uma área bem estabelecida em alguns países, inclusive no Brasil, com vários programas de cursos de pós-graduação e investimentos, bem como o apoio de Associações.

Moita Lopes (2008) afirma que, no Brasil, a LA tem se espalhado em diversos contextos diferentes da sala de aula, em outras instituições, como empresas, clínicas de saúde, delegacias, e outros em que possuem aspectos referentes ao uso da linguagem. De forma que a questão da pesquisa passou a ser construída pela interdisciplinaridade, portanto, a LA assume posição de indisciplinar ou antidisciplinar e transgressiva. Ainda segundo o autor, essa interdisciplinaridade permite compreender nossos tempos, bem como abrir novos horizontes com novas perspectivas, levando em consideração que LA é uma área aplicada relacionada à prática social.

A LA foi compreendida por muito tempo e, até hoje, por alguns, como aplicação da teoria linguística. De forma que consideraremos acerca desta temática na próxima seção.

#### **4. *Linguística Aplicada: aplicação da teoria linguística?***

A ideia da LA ser a aplicação teórica da Linguística foi fortalecida em dois períodos da história da Linguística – no estruturalismo e no gerativismo, segundo Cavalcanti (1986). No estruturalismo, ocorreu um rompimento com a gramática tradicional pelos próprios linguistas aplicados

com aplicação de metodologia estruturalista na elaboração do material didática. E no gerativismo, os linguistas traduzem a regra T na metodologia de ensino.

Bastos & Mattos (1993) comentam que, para os linguistas, a LA está diretamente relacionado à aplicação da teoria linguística, independente das questões abordadas – ensino de línguas, documentação, tradução, etc. Segundo as autoras, Mattoso Câmara afirma que a Linguística descreve as estruturas das diversas línguas, a LA adequa a teoria ao ensino.

Com o trabalho de Widdoson, nos anos 70, surgiu a necessidade da LA ter uma teoria própria, independente das teorias linguísticas, embora possuam ideias comuns sobre linguagens, mas apresentam focos diferentes – um aprendiz e o outro analista, de acordo com Moita Lopes (2009).

Atualmente, alguns ainda continuam a crer que a LA é a aplicação de teorias linguísticas. Almeida Filho (s/d) argumenta que, nessa lógica, quão mais eficiente o linguista, melhor utilizada seria a linguística aplicada ou para que fosse considerado um bom linguista aplicador, este teria que ter um melhor embasamento teórico. O autor ainda acrescenta que para ser linguista aplicado não é necessário uso constante das teorias linguísticas, em alguns momentos, se tornam irrelevantes. As evidências mostram que a LA não foca na aplicação direta das teorias ao ensino de línguas.

Menezes, Silva & Gomes (2009) comentam que a LA não nasceu da aplicação da Linguística, mas da expectativa analítica de observações do uso da linguagem no mundo real e não à língua idealizada. Widdowson (*Apud* MOITA LOPES, 2009), declara que a LA surgiu como mediadora entre teoria e o ensino de línguas, de forma que não são descartadas as teorias linguísticas, mas reconhece que outros tipos de conhecimentos contribuem para o processo de ensino. De acordo com Costa & Geraldi (2007), a LA sempre tentou se firmar como uma ciência autônoma, produzindo uma teoria e não apenas uma disciplina disposta a aplicar uma teoria.

Para Almeida Filho (s/d, p. 1), a LA é científica, pois tem definido seu “objeto de pesquisa, nomenclaturas e procedimentos explícitos de pesquisa” e a apesar da relação com outras ciências contribui com conceitos e modelos, o critério final será da própria LA. Ela está profundamente ligada à pesquisa científica, até mesmo para evoluir no campo teórico, pois à medida que formulam modelos, o linguista aplicado aumenta e articula sua compreensão dos diversos usos da linguagem.

Cavalcanti (1986) cita Spolsky (1980) no que se refere à amplitude da LA com relação à aplicação de teorias linguísticas. Para pesquisar sobre o uso da linguagem, seu objeto, ela busca também apoio em outras áreas como Psicologia, Sociolinguística, Antropologia, Educação, Filosofia, Etnografia da fala.

O objeto de pesquisa é construído pela própria teoria, ou seja, não se trabalha com dados, mas sim com fatos. O pesquisador, no momento de construção dos fatos, já está imbuído de uma postura teórica determinada e é justamente essa sua posição que faz com que ele trate esses fatos de uma determinada maneira e não de outra. (BASTOS; MATTOS, 1993, p. 12)

Outro linguista aplicado citado por Cavalcanti (1986) e também por Bastos & Mattos (1993) é Strevens. Ele declara que a LA apresenta-se essencialmente multidisciplinar pela variedade de questões relacionadas à linguagem, que adentra em outras áreas de investigação. A LA, por sua vez, começa a apresentar procedimentos e metodologia que consolidam sua área de atuação, que podem contribuir para o desenvolvimento de teorias linguísticas ou até de outras áreas, além de aperfeiçoar seus próprios modelos teóricos e metodologia.

Além de operar com o conhecimento teórico advindo de várias disciplinas... a LA também formula seus próprios modelos teóricos, podendo colaborar com o avanço do conhecimento não somente dentro de seu campo de ação como também em outras áreas de pesquisa. (MOITA LOPES, 1996, p. 21)

O objeto principal é a linguagem, dessa maneira, a LA levanta questões, busca subsídios teóricos de acordo com as questões estudadas, analisa as questões na prática e conclui com sugestões de encaminhamento. Em Linguística, o caminho de pesquisa é diferente.

Tem como ponto de partida uma teoria linguística, recorre ou não a uma questão da prática, e volta à teoria objetivando sua confirmação ou refutação através da descrição e análise de dados. (CAVALCANTI, 1986, p. 6)

Para Bastos & Mattos (1993) e confirmada por Moita Lopes (2008), o objetivo da LA não é solucionar problemas, até porque o problema não existe em si, mas dentro de uma perspectiva. À LA cabe propor explicações para os fenômenos e não procurar soluções para problemas. No entanto, a solução pode acontecer em decorrência do processo dos estudos, contudo não pode ser objetivo pré-fixado.

## 5. Considerações finais

Pelo exposto, constata-se a importância de tratar a LA como ciência independente, com conceitos e métodos próprios. O presente trabalho funcionou como elemento importante para resumir o processo de desenvolvimento da disciplina em questão e como se deu no Brasil.

O uso da linguagem é o ponto de partida para entender como a LA, que anteriormente se preocupava somente com o ensino/aprendizagem de língua estrangeira e tradução, tem levantado questões de prática social tanto no contexto de sala de aula como em outras instituições sociais – educacional, de saúde, policial, empresarial etc.

Nesse sentido, o presente trabalho levou a reflexão sobre a importância da interdisciplinaridade com áreas que abordem o social, como Psicologia, Filosofia, Antropologia, Pedagogia, e outras, para o estabelecimento de conceitos e modelos na LA. Evidenciando, assim, que a LA não é aplicação das teorias linguísticas, mas é uma ciência autônoma com identidade própria, que pode ou não utilizar as teorias da Linguística, como de outras áreas.

As considerações desse artigo corroboraram sobre o crescimento da área e do seu campo de atuação, através do diálogo com outras áreas de conhecimento, inclusive a Linguística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. Maneiras de compreender Linguística Aplicada. UNICAMP, s/d. Disponível em <<[http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r2/revista2\\_1.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r2/revista2_1.pdf)>>. Acesso em 12/06/2013.

BASTOS, L. K.; MATTOS, M. A. Linguística Aplicada e Linguística. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, nº 22. Campinas: UNICAMP/IEL, 1993.

CAVALCANTI, Marilda C. A propósito de Linguística Aplicada. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, nº 7, Campinas: UNICAMP/IEL, 1986.

COSTA, Alexandre; GERALDI, João Wanderley. O paradoxo aplicado. In: *Revista Signótica*. Goiás: UFG, 2007.

COSTA, Hilda Rodrigues da. *O discurso historiográfico da Linguística Aplicada brasileira*. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás) Goiás: UFG, 2011.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: Deonde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Afinal, o que é Linguística Aplicada?. In: MOITA LOPES, L.P. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R.C.M.; ROCA, M.P. (Org.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *Linguística aplicada: ensino de língua materna*. Florianópolis: UFSC, 2011.

SERRANI, Silvana M. Transdisciplinariedade e discurso em Linguística Aplicada. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, nº 16, Campinas: UNICAMP/IEL, 1990.

SCHMITZ, John Robert. Temas e pesquisas em Linguística Aplicada: Novos rumos. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, nº 10, Campinas: UNICAMP/IEL, 1987.